



Visões da cidade de Natal: construção identitária a partir do discurso poético¹

Views of the city of Natal: identity construction from the poetic discourse

Marília Varella Bezerra de Faria*

Resumo

Este artigo apresenta a construção identitária da cidade de Natal a partir de representações contidas no discurso poético. Entende-se que o tecido urbano se forma em decorrência dos efeitos de sentido produzidos e dos sujeitos que neles se constituem. Considera-se a poesia como uma memória sobre as cidades, reconstituídas em um conjunto de práticas sociais determinadas historicamente. A análise revela múltiplas identidades culturais.

Palavras-chave: Cidade; identidade; discurso; poesia; estilo.

Abstract

This article brings forward the identities of the city of Natal that are built upon representations contained in the poetic discourse. The urban tissue is considered as being formed due to the effects of the feelings produced and to the individuals that give shape to them. Poetry is viewed as a memory to the city and takes shape out of a set of historically established social practices. Analysis lead to multifold cultural identities.

Keywords: City; identity; discourse; poetry; style.

¹ Este artigo apresenta um recorte da pesquisa realizada em minha tese de doutorado (FARIA, 2007).

*Pesquisadora do Grupo de Pesquisa/CNPq “Práticas Discursivas na Contemporaneidade” e Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). Endereço: PPGEL/Letras/CCHLA, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Campus Universitário Lagoa Nova, CEP 59078-970, Natal/RN, Brasil. E-mail: mariliavbf@yahoo.com.br.

Introdução

Considera-se a poesia como um modo característico de olhar e representar a vida. Nessa compreensão, a poesia adquire significado em meio à realidade social à qual está incorporada e em função das condições de produção discursiva. O discurso poético opera como uma memória sobre a cidade. Tal memória forma-se em decorrência de um conjunto de práticas sociais historicamente determinadas.

A cidade, por sua vez, é um espaço de idas e vindas aonde o poeta, em particular, chega e nela permanece, por meio da arte e do estilo por ele produzidos. Enquanto os outros falam do cotidiano que os entorna, relatam a experiência humana, retratam-na, pois dela fazem parte, os poetas constroem um mundo real ou imaginário sobre a cidade. Pela poesia, o artista percorre diferentes lugares e espaços e deixa vislumbrar o homem que os molda.

No âmbito da Linguística Aplicada (LA), área na qual se insere esta pesquisa, existem inúmeros estudos que relacionam discurso e vida e que traçam um quadro epistemológico da LA contemporânea, visto que esta investiga o papel da linguagem na construção da realidade. Moita Lopes (2006, p. 14) afirma que essa área de estudos deve dialogar mais e mais com “teorias que estão atravessando o campo das ciências sociais e das humanidades”.

Nesse contexto, este trabalho busca “ouvir” o que dizem dois poetas potiguares² nos dois extremos do século XX: o início e o fim. Tentando compreender e interpretar os sentidos produzidos por seus discursos, objetiva-se identificar a construção de identidades culturais³ da cidade de Natal. Não se trata de discutir a arte em uma dimensão temporal, mas de entendê-la como sendo capaz de moldar a cidade em determinado espaço de tempo. São discursos poéticos que contêm e compõem representações identitárias da cidade em dois momentos precisos.

Investigar o discurso a partir dessa perspectiva é compreendê-lo como uma construção social. É analisar como os participantes envolvidos na construção dos diferentes significados agem no mundo em condições sócio-históricas específicas e sobre ele constroem como sujeitos sociais (MOITA LOPES, 2002). Essa visão indica que a construção identitária emerge na interação entre indivíduos de forma que um se posiciona em relação ao outro. De acordo com a concepção de linguagem bakhtiniana, toda enunciação envolve pelo menos duas vozes: “Toda palavra serve de expressão a

² Denominação (gentílico) dada às pessoas nascidas no estado do Rio Grande do Norte (também, norte-rio-grandense ou rio-grandense do norte).

³ Entende-se identidade cultural conforme Hall (2003; 2005).

um em relação ao *outro*. [...]. A palavra é espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 113, grifo do autor).

Além disso, considera-se que a construção identitária se encontra sempre em processo, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13). As identidades do sujeito contemporâneo são abertas, contraditórias, fragmentadas, inacabadas.

Este artigo está organizado em seis seções. Na primeira seção, tecem-se considerações acerca da formação do povo potiguar. Na segunda seção, busca-se apresentar a cidade de Natal, com o objetivo de melhor contextualizar o objeto deste estudo. Nas duas seções seguintes, de natureza analítica, apresentam-se, de forma descritiva, os levantamentos de marcas estilísticas no discurso dos poetas. Na quinta seção, apresentam-se possíveis identidades da cidade de Natal, a partir de um diálogo entre as perspectivas contidas nos poemas em análise. Por fim, na seção de conclusão, retomam-se as interpretações, apontando-se para a inconclusibilidade da construção das identidades da cidade.

A formação do povo potiguar

Falar sobre identidades significa também falar sobre raízes, sobre origem e sobre formação de um povo. “A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência” (GARCÍA CANCLINI, 2013, p. XXIII).

Nesse sentido, observa-se que o conceito de identidade não assume uma definição precisa. A definição do que cada um é independe da nação a que pertence, não possui uma forma acabada. Em vez disso, atravessa as décadas e se reformula. As identidades, que antes eram vinculadas ao território, hoje dependem do que se tem ao dispor; demarcam-se no poder de consumo.

Esse pensamento é integralmente compartilhado por Hall (2003, 2005) ao afirmar que todas as nações modernas são híbridos culturais. Os sujeitos são produtos de mudanças próprias do mundo contemporâneo, onde surgem novas configurações sociais, econômicas e políticas. Não existem categorias unificadoras, como uma única cultura, um único povo, uma única etnia. Esses são efeitos dos processos de globalização que possibilitam novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo

mais integrado e conectado, mas, ao mesmo tempo, uma casa/território de identidades cindidas.

Como parte da nação brasileira, os potiguares tiveram suas identidades formadas a partir da mescla de elementos simbólicos trazidos pelos colonizadores europeus, pelas raças indígena e africana, como também pelas diferentes correntes migratórias que se instalaram na terra potiguar. A apropriação desses elementos deu-se de maneira desigual, combinando-os e transformando-os, formando, assim, uma identidade plural, construída por uma multiplicidade étnica, religiosa e cultural.

Os indígenas foram dizimados pelos colonizadores portugueses em trezentos anos (CASCUDO, 1999, p. 113). Os negros apareceram logo que Natal foi fundada, por volta de 1597, com a finalidade de trabalhar nas roças. O branco veio da Europa. Primeiramente, os franceses, que se aliaram aos indígenas e com eles conviveram em paz até 1597. Depois, ainda em 1597, chegaram os portugueses para permanecer e dominar. Esses últimos, fundaram, em fusão com os aborígenes, “uma raça para resistir e vencer a terra” (CASCUDO, 1999, p. 111). Conforme o autor, havia em Natal, em 1607, “vinte e cinco moradores e cerca de oitenta nos arredores, caçando, pescando e plantando roçarias, ajudados pela escravaria vermelha e negra. A miscigenação era intensa e lógica” (CASCUDO, 1999, p. 112).

Essa é a maneira como a identidade potiguar foi construída desde o início: miscigenada a partir de um processo permeado de conflitos, de escravidão e de arrasamento.

A cidade de Natal

A cidade é o território sobre o qual esta pesquisa se debruça, procurando desvendá-lo a partir do discurso dos poetas. De acordo com Orlandi (2001, p. 7), a cidade é “um espaço que significa e é significado”, no sentido de que se pode observar e interpretar por meio dos seus símbolos e da sua linguagem.

Segundo Pesavento (2002, p. 9), “a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros”. Justamente no entrecruzamento desses olhares, buscam-se significados e constroem-se imagens da cidade.

O que interessa são essas imagens que os poetas, ao longo da história, foram imprimindo em textos. E é também em função dessas imagens que – ao se examinarem

as identidades delas emergentes – se enxerga a cidade sobressaída de tais representações. Conforme, ainda, Pesavento (2002, p. 13), “as obras literárias, em prosa ou verso, têm contribuído para a recuperação, a identificação, a interpretação e a crítica das formas urbanas”.

Antes, porém, de se “ouvir” a poesia de Ferreira Itajubá e a de João da Rua, busca-se, de forma breve, (re)construir historicamente a cidade de Natal, com o objetivo de melhor contextualizar o objeto deste estudo.

De acordo com velhas crônicas sobre a fundação da cidade de Natal, esta teria nascido envolta em uma lenda e, por isso, seria “eterna como o mundo” (DANTAS, 2000, p. 68). A lenda conta que Jerônimo de Albuquerque⁴ pretendia fundar uma cidade dando-lhe um nome que lembrasse o nascimento de Jesus. Ao navegar pela costa potiguar, apareceu uma criança no convés da caravela, apontando para um porto seguro, o que teria sido entendido pelo navegador como um sinal dos céus. Teria fundado Natal no mesmo dia em que encontrou terra firme. Essa versão, contudo, parece ter sido fruto da imaginação do cronista, mas seguiu sendo repetida por muitos anos.

Conforme os registros oficiais, no entanto, a cidade foi fundada em 25 de dezembro de 1599, pelo próprio Jerônimo de Albuquerque, então capitão-mor da Fortaleza dos Reis Magos. Há, ainda, duas outras versões: a de que a cidade teria sido fundada pelo administrador português Manuel de Mascarenhas Homem; e a de que teria sido fundada por João Rodrigues Colaço, primeiro capitão-mor do Rio Grande do Norte.

Para alguns estudiosos, Natal, somente a partir dos anos 1920, pode, de fato, ser chamada de cidade. Em um trocadilho do fim do século XIX, dizia-se: “Cidade do Natal? Não há tal!”. Sobre essa cidade que ainda, de fato, não é cidade, Eloy de Souza (1873-1959), em sua famosa conferência, de 20 de fevereiro de 1909, afirma:

Dois séculos após a fundação da cidade e criação da capitania, ainda vivíamos quase tão primitivamente como os naturais contra os quais havíamos cruelmente pelejado, e, por ventura, nos encontrávamos em atraso maior e pobreza mais generalizada do que ao tempo da ocupação holandesa, quando se construíram os primeiros engenhos de açúcar, e a vida agrícola atravessou uma fase de atividade desconhecida (SOUZA, 1999, p. 13).

Cascudo (1999, p. 52, 53, 94, 95) conta como cresceu a população da cidade: “Quinze dias depois de fundada, ainda estava deserta. [...] Em fevereiro de 1614, Natal

⁴Administrador colonial português que recebeu o comando do Forte do Rio Grande das mãos de outro administrador da colônia, Manuel de Mascarenhas Homem, em 1598 (CASCUDO, 1999).

possuía... doze casas. [...]. Em setembro de 1631 as doze casas eram sessenta. [...]. Em 1855, 6.454 almas. [...]. No último ano do século XIX, Natal estava com a população de 16.056”.

Em 1908, inaugura-se o primeiro trecho dos bondes a burro e, em 1911, chegam os bondes elétricos, como também a luz elétrica e os telefones.

Natal precisava assumir sua condição de capital, porém isso somente se torna realidade a partir da República, quando medidas mais específicas são adotadas para tirar a cidade do marasmo. Segundo relata Oliveira (2006, p. 124), “pedia-se, com ênfase crescente, que se modificasse aquela cidade que, para alguns reformadores republicanos, era a expressão do obscurantismo do regime monárquico”.

Apesar de tudo, a cidade chama a atenção de Mário de Andrade, que, interessado em promover a arte e a cultura de diferentes pontos do Brasil, inclui Natal em sua viagem por estados do Norte e do Nordeste do país, de dezembro de 1928 a março de 1929. O poeta assim relata sua impressão sobre seus dois primeiros dias em Natal:

Natal, 16 de dezembro — Natal era o destino do meu descanso e estou descansando. Gosto de Natal demais. Com seus 35 mil habitantes, é um encanto de cidadinha clara, moderna, cheia de ruas conhecidas encostadas na sombra de árvores formidáveis. De todas estas capitais do norte é a mais democraticamente capital, honesta, sem curiosidade excepcional nenhuma. [...] um ar de chakra que a torna tão brasileira humana e cotidiana como nenhuma outra capital brasileira, das que conheço (ANDRADE, 1983, p. 232-233).

Nessa “encantadora cidade”, no inverno de 1941, chegam os primeiros americanos para iniciarem a instalação da Base Aérea. A guerra estava deflagrada e se tornava imperioso um ponto estratégico para as operações militares norte-americanas. Natal figurava como o ponto mais próximo da África — o “Trampolim da Vitória”, um campo aberto à aviação e à expansão. É, ainda, Mário de Andrade quem registra: “Essa felicidade americana de Natal está se objetivando neste momento com a inauguração do Aero-Clube [...]. Os aeroplanos estão pintando o sete no ar” (ANDRADE, 1983, p. 255).

Com o fim da guerra, quase cinco anos depois, os americanos se despedem. Ao saírem, deixam, além de uma parafernália bélica, uma cidade onde o tempo e o espaço assumem uma nova dimensão. Repentinamente, tanto Natal quanto seus habitantes têm suas próprias identidades transfiguradas, seja no imaginário que estes têm da cidade, seja no que pensam sobre si próprios.

Apesar da característica transitória e fluida das identidades, sejam essas de pessoas ou de lugares, o que acontece na cidade é súbito como uma explosão. Os parâmetros até então vigentes são reformulados: a cidade, antes provinciana, passa, em um curto espaço de tempo, à condição de cosmopolita.

Essa é a Natal (atualmente, com quase um milhão de habitantes) sobre a qual falam os dois poetas nesta pesquisa. Sobre ela, constroem representações.

A poesia de Ferreira Itajubá⁵

O soneto *Terra Mater* (ITAJUBÁ, [1914] 1984, p. 97-98) descreve aspectos da cidade de Natal no início do século XX. Trata-se de um canto de amor à terra, no qual o poeta faz sobressair as características físicas da cidade, bem como alguns costumes da época. As descrições da beleza do lugar permeiam, na verdade, todo o poema. O poeta constrói seu discurso em torno de um movimento dialógico entre a ideia da beleza e do prazer e a ideia do trabalho.

Natal é um vale branco entre coqueiros:
Logo que desce a luz das alvoradas,
Vão barra afora as velas das jangadas,
Cessam no rio as trovas dos barqueiros:

E à tarde, quando os rudes jangadeiros,
Voltam da pesca às praias alongadas,
Começa à sombra fresca das latadas
A palestra amorosa dos solteiros.

Quantas belezas mil Natal encerra!
Deu-lhe a natura um mar esmeraldino,
Despiu-lhe o morro, aveludou-lhe a serra...

Terra de minha mãe, bendita sejam,
Orvalhada do pranto cristalino
Da saudade das moças sertanejas!

A cidade de Natal apresenta-se (e representa-se) plena de beleza, como atestam seus encantos capturados pelos versos do poema que assim a descrevem: “vale branco entre coqueiros”; “mar esmeraldino”; “serra aveludada”; “terra bendita”. A identidade construída pelo discurso e representativa da cidade processa-se em função do uso de

⁵ Nascido em Natal, a 21 de agosto de 1876, Manoel Virgílio Ferreira foi boêmio, inquieto, carnavalesco, chegando a ter seu talento marginalizado pelos círculos oficiais. Sua poesia, porém, rompeu barreiras e começou, aos poucos, a ser reconhecida pela elite intelectual da época. O poeta pós-romântico faleceu em 30 de julho de 1912, deixando um acervo de poesias, as quais foram posteriormente publicadas nas seguintes obras: *Terra Natal* (1914) e *Poesias Completas* (1927).

elementos estilísticos, privilegiadamente aqueles que pintam a natureza de variadas cores. São tons que refletem, por um lado, a luminosidade da cidade e, por outro, a sua pureza. Também assim faz o poeta ao selecionar personagens populares e singelos, como “barqueiros”, “jangadeiros” e “moças solteiras”.

A poesia de João da Rua⁶

O segundo poema é *O canto do colonizado contra o entregador* (RUA, 1999). Como o próprio título sugere, o discurso do poeta revela uma identidade índia da cidade, que, apesar da colonização e do massacre, resiste. Como assinala Rua (1999, p. 55), há, no povo da cidade, “um velho sentimento índio / resistindo pela eternidade”. O discurso do poeta sugere uma mágoa guardada na alma do povo, o que se faz reforçar pela utilização do vocábulo “traidor”. Na verdade, o preconceito sempre existiu entre a classe alta (via de regra, descendente dos colonizadores europeus) e os poucos indígenas que restaram, os quais, juntamente com os negros e com os descendentes das miscigenações que deles resultaram, lutam até os dias atuais para sobreviver e manter suas identidades. É essa cidade miscigenada que o poema contempla. Mas, para além dessa particularidade, registram-se referências a atributos da cidade vinculados à natureza: água, luz, estrela d’alva, lua, sol.

Natal
de peixe boi à fortaleza
não existe mistério
tudo todo mundo sabe
neste pequeno espaço
deste perímetro urbano
não há segredo no rosto da cidade

todo dia a estrela d’alva lumia
no peito desta gente multicolor
um velho sentimento índio
que não seja traidor
tudo todo mundo sabe
sob a lua ou sob o sol desta cidade
um velho sentimento índio
resistindo pela eternidade

Também *O canto do colonizado contra o colonizador* traz à tona o tema da invasão. O poeta apresenta a cidade, para ele, sem segredo, na qual o colonizado que a habita mantém sua identidade através dos tempos, a despeito de toda a tirania do colonizador.

⁶ Nascido em Natal, a 17 de agosto de 1961, João Batista de Moraes Neto é poeta e ficcionista, autor de *Temporada de Ingênios* (1986) e do livro de poemas, *Livro de Bolso* (1980). Formou-se em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atualmente leciona as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

A construção de possíveis identidades

Essas representações da cidade de Natal, que podem ser lidas em poemas como os de Ferreira Itajubá e de João da Rua, transmitem que ideias sobre possíveis identidades culturais da cidade? Como dialogam essas representações?

Busca-se amparo teórico na concepção de linguagem bakhtiniana, na medida em que se considera o discurso poético como uma memória sobre a cidade. Acrescente-se, ainda, que a cidade tem suas identidades construídas a partir de um conjunto de práticas sociais historicamente determinadas. O Círculo de Bakhtin (1992, 2002a, 2002b, 2003, 2010) coloca, como essencial, uma proposta de compreensão da realidade na qual a vida, a ciência e a arte se entrelaçam.

Nesse sentido, revela-se fundamental o conceito de estilo como mecanismo discursivo que possibilita o acesso à construção identitária em práticas discursivas. De acordo com Bakhtin (2002a, 2003), o estilo resulta de tomadas de posição axiológicas, realizadas por meio da atividade estética, face ao objeto, emergindo, nesse processo, as vozes sociais, que se entrecruzam, estabelecem as mais diversas relações dialógicas e constituem os discursos. Em outras palavras, o estilo é um resultado das escolhas que o autor criador faz ao construir o seu discurso sobre determinado objeto.

Além disso, Bakhtin considera a obra artística como uma unidade da comunicação discursiva, também delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso. Assim, a obra é, ao mesmo tempo, vinculada a outras obras, mas também delas separada pelos limites da alternância desses sujeitos. Conforme o autor,

o sujeito do discurso – neste caso o *autor* de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra. Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 279, grifo do autor).

Ao que parece, as fronteiras da obra possuem um caráter interior, e isso faz com que uma obra se estabeleça como sendo aquela e não outra. A marca individual da obra artística, determinada pela individualidade do seu autor, constitui-se nas relações com outros autores e com outras obras.

Dessa forma, um enunciado está sempre em diálogo com outros, isto é, mantém relações que podem ser, entre outras, de concordância, discordância, complementação e assimilação.

Nesse sentido, a leitura de cada poema que representa a cidade de Natal corresponde, na verdade, à leitura de um fragmento dessa cidade, a cidade do imaginário de cada poeta, construída a partir de sentimentos e referências próprios.

Assim, é também somente a partir do diálogo entre esses fragmentos carregados de sentidos individuais que se torna possível a construção de identidades que se buscam para a cidade de Natal.

Itajubá ([1914] 1999) faz, por meio de suas marcas estilísticas, aflorar os sentidos que sugerem uma perspectiva identitária ingênua, pueril, quase paradisíaca para a cidade. Nessa perspectiva, o centro parece ser sempre o mesmo. A imagem configurada pela poesia desvela relações homogêneas da cidade com o seu outro: seja a natureza, sejam seus habitantes. Todos convivem harmoniosamente nessa cidade bela, *bendita*: “Começa à sombra fresca das latadas / a palestra amorosa dos solteiros”. Há também harmonia de cores na cidade, conforme marcas que se fazem presentes no léxico: “branco”, “cristalino”, “esmeraldino”. Assim a posição avaliativa do poeta representa Natal; assim é a identidade que se constrói para essa cidade.

O discurso positivo de Rua (1999), embora cauteloso, remete à cidade pequena, provinciana, um lugar onde “tudo todo mundo sabe”. A perspectiva de identidade atribuída à cidade de Natal, neste poema, ao contrário de em *Terra Mater*, tende para o descentramento, na medida em que a cidade e seus habitantes atravessam a história, adaptam-se a sua nova condição de “colonizados”, “invadidos” e seguem adiante “sob a lua ou sob o sol”, ou sob a guarda da estrela d’alva.

Considerações finais

Cruzaram-se olhares, estabeleceram-se diálogos entre os dois discursos poéticos (diversos, mas únicos em sua singularidade); examinaram-se os diferentes sentidos que emergiram desses diálogos, tornando possível uma convivência com as várias Natais dos poetas, registradas em um espaço de quase um século.

Identificou-se a cidade de Natal, mas não se pode afirmar que existem classificações definitivas e precisas sobre ela: a cidade é um campo de significados constantemente aberto. A transitoriedade e a imprevisibilidade são características que lhe são inerentes; por conseguinte, também são transitórias as suas identidades.

Os resultados deste trabalho seriam outros seguramente, se outras fossem as visões construídas sobre a cidade pelos poetas; e se outra fosse a história da cidade. É certamente nisso que reside o encantamento desta pesquisa: uma permanência passageira, fugaz. Compreende-se que, no estudo das identidades da cidade, não há um ponto final.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. 1983. *O turista aprendiz*. 2. ed. São Paulo: Duas cidades.
- BAKHTIN, Mikhail. 2010. *Para uma filosofia do ato responsável*. (Org.) Augusto Ponzio. Tradução de Carlos Alberto Faraco & Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores.
- BAKHTIN, Mikhail. 2003. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, Mikhail. 2002a. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Annablume e HUCITEC.
- BAKHTIN, Mikhail. 2002b. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- BAKHTIN, Mikhail.; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. 1992. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 1999. *História da Cidade de Natal*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico/RN.
- DANTAS, Manuel. 2000. Natal daqui a cinquenta anos. In: LIMA, P. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural; Sebo Vermelho.
- FARIA, Marília Varella Bezerra de. 2007. *A construção poética das identidades da cidade de Natal: um olhar bakhtiniano*. Tese de doutorado, PPGEL/DLET/UFRN.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. 2013. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução da introdução Gênese Andrade. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. 1995. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- HALL, Stuart. 2005. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.

- ITAJUBÁ, Ferreira. ([1914] 1984). Terra Mater. In: ONOFRE Jr., M. (Org.). *Guia Poético da Cidade do Natal*. Natal: Nossa Editora, Fundação José Augusto.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2002. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. 2006. (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. 2003. (Org.). *Discursos de identidades*. Campinas: Mercado de Letras.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da.; BASTOS, L. C. 2010. (Orgs.). *Para além da identidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- ORLANDI, Eni Pulccinelli. (Org.). 2001. *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas, SP: Pontes.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. 2002. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Porto Alegre, Rio de Janeiro*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- RUA, Joãoda.1999. O canto do colonizado contra o colonizador. In: ONOFRE JR., Manoel (Org.). *Poesia Viva de Natal*. Natal: Fundação Cultural Capitania das Artes; Recife: Nordestal.
- SOUZA, Eloy de. 1999. *Costumes locais*. Natal: Verbo, Sebo Vermelho.
- OLIVEIRA, Giovana Paiva de. 2006. A conferência de Manoel Dantas: a elite natalense construindo a imagem de cidade moderna. In: FERREIRA, A. L.; DANTAS, G. (Orgs.). *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN.

Data de Recebimento: 22/11/2013

Data de Aprovação: 13/08/2014

Para citar essa obra:

FARIA, Marília V B. Visões da cidade de Natal: construção identitária a partir do discurso poético. In: **RUA** [online]. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413-2109. p. 131-142. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Ponte Newton Navarro – Natal/RN.

Disponível em: http://radio.carnatal.com.br/conhecanatal_pontenewton.jpg

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COCEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>